

O ESTADO DA NOSSA CIVILIZAÇÃO OU A RECAÍDA NA BARBÁRIE

Posted on 13. März 2020

*Um ponto de vista de **Jochen Mitschka**.*

Apesar de toda a loucura das últimas semanas, que deve ser explicada, pensemos em algo fundamental, a saber, que nesta forma da chamada democracia representativa, somos colectivamente responsáveis pelas acções dos nossos "representantes". Não deveriam ser também aqueles que têm de suportar as consequências das decisões políticas mais importantes a tomá-las?

A história

Após a chamada Segunda Guerra Mundial, houve um período em que o mundo compreendeu que era necessário deixar a era da barbárie e estabelecer regras comuns às quais todos, tanto os fortes como os fracos, deveriam aderir. Isto, porém, começou com a Guerra da Coreia, depois começou a vacilar na Guerra do Vietname. Mas a ameaça de aniquilação mútua durante a Guerra Fria era como areia nas engrenagens da regressão da civilização à barbárie da Idade Média. Após a dissolução não violenta do Pacto de Varsóvia, porém, a lei irrestrita dos mais fortes quebrou novamente o seu caminho. E depois da guerra da OTAN contra a Jugoslávia, voltámos ao caminho para a situação anterior à guerra, que se caracteriza por pensar em blocos, reduzir a visão do próprio, lutar pelo melhor lugar na caverna dos nossos antepassados e lutar pela melhor caverna para o próprio grupo. Tal retrocesso já aconteceu uma vez antes, quando a obscura Idade Média esqueceu as conquistas da civilização na antiguidade. Agora, mais uma vez, estamos prontos. Iluminismo, direito internacional, direitos humanos, democracia, tudo apenas frases e conchas vazias, termos de luta, sem sentido. Vou explicar com exemplos simples.

O pensamento de bloco

Vejamos o conflito no Oriente Médio, ou em inglês, o Oriente Médio. Quando critiquei a política de ocupação de Israel na Palestina, recebi alguns apoiantes turcos, mas também sírios, nas mídias sociais. Isto aumentou quando eu condenei a política de ocupação dos EUA. Quando critiquei as acções da Turquia no norte da Síria, fui chamado de amigo dos terroristas curdos. E então, depois de ter criticado a parte dos curdos que apoiavam os EUA na ocupação da Síria Oriental, fui expulso por eles como "lacaio Erdogan". Quando critiquei a ocupação da Síria Ocidental pela Turquia, tornei-me um "caniche Putin".

A análise e a avaliação foi substituída pela fé. A política substituiu a religião. E isso vale para todos os lados. A esperança que se tinha espalhado após a dissolução da União Soviética, e que estava então ligada à globalização, de que as pessoas se entrelaçariam e as guerras deixariam de ter lugar

no futuro, transformou-se no oposto. Nunca antes estivemos tão perto de uma grande guerra nuclear. Não menos importante, porque todas as potências nucleares violaram o Tratado de Não-Proliferação e melhoraram o material das suas armas nucleares, em vez de falarem seriamente de desarmamento nuclear. Pelo contrário, cada vez mais tratados estavam sendo cancelados, especialmente pelos EUA, que tinham como objetivo evitar uma corrida armamentista. Logo os últimos se seguirão, enquanto os cientistas programam o relógio de guerra atômica para nunca ver 100 segundos a 12. Não menos importante porque os EUA colocaram "pequenas" armas nucleares em seus submarinos, e também falam abertamente sobre o primeiro uso de armas nucleares no campo de batalha. E tudo isto é suposto ser legitimado pela "democracia"?

O entendimento errado de "democracia", ou porque não se trata de "boa" ou "má" governação.

A elite política alemã declara a primazia da política, e pensa na primazia dos partidos políticos. Como Angela Merkel já explicou num discurso em 2010, todas as decisões políticas importantes tinham sido tomadas contra a vontade da maioria da população (1). E isso seria uma coisa boa, pensou ela, depois de todos os políticos saberem melhor o que é bom para o povo comum e o que não é. E, claro, isto também se aplica ao rearmamento desenfreado, que dentro de alguns anos será responsável por metade do orçamento do Estado, segundo o chefe da Conferência de Segurança de Munique, que sempre foi um pensador pioneiro no rearmamento e na participação na guerra. Portanto, estas decisões de se rearmar desinibidamente e de se tornar a segunda maior força da OTAN é, de acordo com o establishment político, uma decisão sábia e sensata que a maioria acabará por compreender.

Agora podemos ver pelos exemplos que existe um grave mal-entendido entre a elite política alemã sobre o que a democracia realmente significa. Houve o discurso do chanceler que declarou que os representantes dos eleitores saberiam melhor o que seria bom para os alemães. E depois houve as críticas gerais e abrangentes à decisão britânica de deixar a UE. Uma decisão que a elite política tinha tentado evitar durante muitos anos, mas depois só adiou. Mais uma vez, foi dito que as pessoas simplesmente não entendiam que seria muito melhor para elas permanecerem na UE e que deveriam votar até que finalmente caíssem em si. Ou houve a exigência do chanceler de que a eleição do primeiro-ministro na Turíngia fosse invertida. Ali alguém se tinha deixado eleger pelas pessoas "erradas". Uma eleição deve ser invertida, disse ela.

Em todos os casos, a razão pela qual a vontade dos eleitores (ou de seus supostos representantes) não foi implementada foi a alegação de que eles eram muito estúpidos e não entenderiam o que era realmente bom para eles. Assim, a definição de "democracia" deveria dizer algo sobre tomar

"boas" decisões. Então vamos olhar para a definição:

"Democracia (do grego antigo δημοκρατία 'governo do povo do estado'; do δῆμος dêmos 'povo do estado' e do grego antigo κράτος krátos 'violência', 'poder', 'governo') significa hoje formas de governo, ordens políticas ou sistemas políticos em que o poder e o governo vêm do povo (governo popular). (2)

A definição nada diz, portanto, sobre a qualidade da governação a que se deve aspirar. Qualquer pessoa, como a Dra. Angela Merkel, por exemplo, que afirma que uma decisão da elite política contra a vontade do povo estaria bem se fosse apenas qualitativamente correta ou melhor do que a vontade do povo, não quer entender o que é realmente a democracia. É preciso perguntar a si mesmo se esta pessoa está, portanto, no terreno da Lei Fundamental. No artigo 20, a Lei Básica diz

"(1) A República Federal da Alemanha é um estado federal democrático e social. (2) Todo o poder do Estado emana do povo. É exercida pelo povo em eleições e votações e por órgãos especiais de legislação, poder executivo e jurisdição.

Isso significa em linguagem simples: os "representantes" são o poder executivo da vontade dos eleitores. Enquanto que, segundo a opinião dos partidos políticos na Alemanha, os representantes eleitos têm uma função muito mais importante. Seguindo o consenso dos partidos políticos, eles supostamente definem a vontade do povo. No entanto, nada disto pode ser encontrado na Lei Básica. Pois aí só diz: "Os partidos participam da vontade política do povo". Não diz que eles determinam a vontade política e que as decisões são então apenas confirmadas por eleições. A propósito, na Lei Básica, procura-se em vão uma referência ao fato de que quase um bilhão de euros de dinheiro de impostos para organizações de lobby, chamadas fundações políticas, devem ser pagos aos partidos para que eles possam explicar ao povo qual é a sua vontade.

Razões para a "democracia"

Há várias razões pelas quais a "democracia" surgiu como a forma predominante de governo. Devido à força crescente dos grupos além da nobreza, revoltas e sangrentas lutas de poder tornaram-se cada vez mais frequentes. O poder tornou-se cada vez mais difícil de afirmar. Por outro lado, as mudanças foram associadas a lutas sangrentas que enfraqueceram a comunidade. É por isso que, ao longo dos séculos, o poder se espalhou sobre mais e mais ombros e mais frequentemente se tentaram mudanças sem derramamento de sangue.

No final, no entanto, a democracia é a consequência de uma lógica que já era reconhecida nos

tempos antigos:

Aquele que tem de suportar as consequências das decisões deve também ser essencialmente responsável pelas decisões. Assim, no início eram os chefes de família ou os cidadãos, mas não os escravos e as mulheres. Com a libertação desta última, que durou até os anos 60 nos EUA devido à segregação racial, e a des-discriminação das mulheres na Alemanha em 1957, elas naturalmente também se tornaram uma parte igual do "povo". Pois também eles suportaram as consequências das decisões e, portanto, também deveriam tomar essas decisões.

Na discussão de hoje, no entanto, a razão mais importante para a democracia é transformada no seu oposto. Hoje é chamado de "populismo" quando se trata de seguir uma política que o povo quer, porque ele mesmo tem que suportar as consequências da política. Então vamos ver novamente como "populismo" é definido.

"A Enciclopédia da Democracia define o populismo como um 'movimento político que enfatiza os interesses, as características culturais e os sentimentos espontâneos das pessoas comuns em oposição aos de uma elite privilegiada'. A fim de se legitimarem, os movimentos populistas muitas vezes dirigem-se directamente à vontade da maioria - através de assembleias de massas, referendos ou outras formas de democracia directa" (...) (3)

Agora compare a definição de democracia e populismo. Vais ficar surpreendido com a proximidade dos dois. Portanto, quando nos dizem que populismo e democracia são incompatíveis, é absolutamente errado. Pelo contrário, o que se desenvolveu na Alemanha como uma aristocracia partidária não pode mais ser compreendido pelo conceito de democracia. O que foi realizado na Alemanha pode ser visto como uma poliarquia. Como se define poliarquia?

A poliarquia

"A polýquia (antiga πολυαρχία polyarchía 'polyarchy', de πολύς polýs 'much' e ἄρχειν árchein 'to rule') é uma forma de governo em ciência política na qual coexistem muitos centros de poder político. (4)

Com esta definição estamos, portanto, muito mais próximos de descrever o sistema político. Contudo, na Alemanha existe o facto de todos os centros de poder político terem chegado a acordo sobre um consenso básico, sem o qual ninguém tem qualquer hipótese de estabelecer um centro de poder. Entre os princípios sobre os quais estes centros de poder político acordaram encontram-se a adesão à OTAN, o reconhecimento dos EUA como hegemonia mundial e acima das decisões

políticas da Alemanha, e a inatacabilidade do sistema monetário e financeiro. Se agora vemos que estes princípios, contudo, servem principalmente os interesses de um determinado grupo, podemos chegar à conclusão de que somos dominados por uma oligocracia.

A oligocracia/oligarquia

"A oligarquia (do grego ὀλιγαρχία oligarquia 'domínio dos poucos', composta de ὀλίγοι oligoi 'poucos' e ἀρχή archē 'domínio') é a degeneração da aristocracia na teoria constitucional clássica (antiga). (5)

Mas esta "regra dos poucos" só é eficaz em segundo plano, e muitas vezes não aparece nas decisões políticas quotidianas. Esta regra muitas vezes só é ativada quando os interesses fundamentais destes "poucos" estão em jogo, caso contrário ela permanece invisível. É, portanto, difícil descrever realmente o sistema político alemão como uma oligarquia ou oligocracia.

No entanto, todas as formas de governo, da monarquia à aristocracia e à democracia, basicamente não são boas nem más. O factor decisivo é antes se a regra é exercida no interesse do bem comum, do público em geral, ou em benefício de um pequeno estrato de governantes.

A qualidade das decisões de uma forma de regra é decisiva?

A questão de qual forma de regra é a "melhor" pode ser discutida de forma épica. Há o monarca, que é educado durante toda a sua vida para governar sem qualquer contestação e sem qualquer interesse próprio, apenas para o bem dos seus súbditos. Depois, há os oligarcas, que há muito tempo têm cumprido todos os desejos mundanos e só agem em benefício da comunidade. Mas ambas as formas de governo (e seus vários sistemas mistos e poliarquia) carecem do reconhecimento dos seres humanos como seres auto-determinados.

E exatamente o mesmo se aplica à visão de mundo do chanceler relatada no início, segundo a qual existe uma "primazia da política", ou melhor, uma "primazia dos partidos políticos", que decide a política, que depois é aceita ou criticada pelo povo apenas através de eleições. É claro que se pode chegar à conclusão de que tal forma de regra produz a mais alta qualidade possível. Mesmo que isto possa ser negado com veemência. Mas então chamar tal forma de governo de "democracia" é simplesmente errado. E, deve ficar claro, tal forma de governo no século XXI apenas reflecte o mundo de pensamento da elite medieval. O que, por sua vez, pode ou não ser justificado, o que teria de ser examinado separadamente.

Para que fique mais claro mais uma vez: passemos agora calmamente da hipótese de trabalho de

que uma forma elitista de regra significa melhor regra qualitativamente para o público em geral do que uma organização democrática. Então podemos apoiar isto, mas não devemos chamar-lhe democracia. É antes uma poliarquia dentro de um quadro definido pelas forças oligárquicas.

Agora pode-se argumentar que o século XXI deveria ser uma época em que as pessoas deveriam decidir seu próprio destino. Se a Alemanha for levada à guerra, então todas as pessoas devem decidir, porque a guerra vai afetar todas as pessoas. Muito menos, a propósito, as elites, que atualmente estão decidindo sobre guerra e paz, mas que dão aos "representantes" do povo apenas 15 minutos para concordar (6).

Se as elites políticas alemãs pretendem aumentar as despesas de armamento de tal forma que, dentro de alguns anos, elas representarão quase metade das despesas do governo (7), é preciso perguntar a si mesmo se isso não é algo que deva ser decidido por aqueles que são essencialmente afetados por ele: Todos os eleitores alemães. Porque se considerarmos o segundo maior orçamento de armamento da OTAN, com despesas superiores às do maior país, a segunda maior potência nuclear, a Rússia, temos que nos perguntar como conciliar essa decisão com a afirmação da democracia, se essa decisão não for deixada separadamente para o "povo". Em outras palavras, aqueles que têm que suportar as consequências.

Para ser claro: não pretendo que as decisões tomadas pela verdadeira democracia sejam "melhores" do que as tomadas pelas elites. Mas a principal razão para exigir democracia é que aqueles que têm de suportar as consequências das decisões as tomem.

Consequências

Assim como o espírito e, em grande medida, a letra da Lei Fundamental foi minada e, em parte, transformada em seu oposto pela aristocracia partidária, o termo "democracia" também se tornou uma palavra-chave. Tornou-se apenas um termo de luta recentemente definido, tal como "liberdade", ou "direitos humanos". O termo obscurece as condições reais e os antecedentes, assim como os termos de luta "Responsability to Protect" (R2P) ou "no-fly zone", ou "robust humanitarian interventions".

A questão decisiva de aceitarmos ou não isto é baseada na visão de que queremos seguir as decisões de um grupo de pessoas elitistas, auto-definidas, ou que temos o direito de determinar o nosso próprio destino. Mas para tomar esta decisão por si mesmo, é claro, primeiro teria que se ter desenvolvido a consciência de que tal possibilidade de decisão existe. A fim de evitar isto, todas as forças actualmente no poder estão a agir em conjunto e a unir-se. Uma vez que estas forças

também têm uma influência decisiva nos meios de formação de opinião, é tão infinitamente difícil tornar esta possibilidade de decisão clara para as pessoas.

É legítimo dizer que é melhor seguir uma elite do que assumir você mesmo a responsabilidade. Mas impedir que as pessoas tomem essa decisão clara, alegando que "democracia" existe, e que as pessoas tomariam as decisões, mostra como as forças que atualmente dominam o sistema político têm medo de perder o seu poder. O medo baseia-se também, em grande medida, no facto de as forças elitistas, ao afirmarem que as pessoas estão de facto a moldar o seu próprio destino na chamada democracia representativa, se recusarem a aceitar a responsabilidade pelos seus actos. Ao contrário do que faz um ditador. Ele afirma claramente que toma as decisões e assim se torna implicitamente responsável. Enquanto isso, a elite na Alemanha rejeita a responsabilidade e a impõe àqueles que de fato não tiveram influência nas decisões, os cidadãos.

Por que a democracia "elitista" na Alemanha é perigosa

Num sistema estatal em que os governantes só são punidos pelos eleitores através da "retirada do amor", ou seja, a retirada dos mandatos, mas nunca são realmente chamados a prestar contas, uma separação de poderes seria particularmente importante. No entanto, como já foi relatado várias vezes, isto não existe na Alemanha. Tudo é controlado pelos partidos políticos e por um consenso entre eles sobre parâmetros fundamentais. O poder judiciário, o governo e o parlamento, ou seja, os três pilares da separação teórica de poderes, são controlados e ocupados por partidos políticos (8). Além disso, há uma grande parte da chamada quarta potência, a mídia. Na mídia pública, os funcionários nomeados pelas partes também tomam decisões.

Por esta razão, um grande perigo paira sobre a Alemanha. Um perigo que a Lei Básica tinha tentado evitar. No entanto, ao longo das décadas, isto tem sido inteligentemente minado pelas elites políticas do país. Se não há separação de poderes, E não há democracia, o destino da Alemanha pende por um fio.

Acabar com a hipocrisia

Caros políticos, parem de nos dizer que existe uma democracia na Alemanha que só executa o que o povo quer. Ou se mantém fiel à oligarquia, ou se permite ao povo uma co-determinação muito mais directa. Isso significa, por exemplo, permitir a eleição directa do governo, a eleição dos juízes e procuradores máximos, a eleição dos que controlam os meios de comunicação. E isso significa que finalmente é convocada uma assembleia constituinte, que se reúne sem a influência dominante das partes. Caso contrário, mais e mais pessoas reconhecerão a chamada democracia como uma

simulação e rejeitarão qualquer responsabilidade por ela.

Voltando à introdução: Aqueles que têm de suportar as consequências das decisões políticas mais importantes, como a guerra e a paz, ou o principal foco das despesas governamentais, também devem ter poder para tomar essas decisões. Qualquer outra coisa simplesmente não é democracia.

Fontes:

1. <https://kenfm.de/standpunkte-%E2%80%A2-das-primat-der-politischen-parteien/>
2. <https://de.wikipedia.org/wiki/Demokratie>
3. <https://de.wikipedia.org/wiki/Populismus#Sozialwissenschaft>
4. <https://de.wikipedia.org/wiki/Polyarchie>
5. <https://de.wikipedia.org/wiki/Oligarchie>
6. <https://youtu.be/T5jCOEjx1eU>
7. Im Moment wurde die Erhöhung auf 2% vom BIP beschlossen, was ca. 20-25% des Haushaltes ausmacht, aber längst wird von 3,5-4% gesprochen, weil das ja während des letzten Kalten Krieges auch schon der Fall gewesen wäre, und der Rolle Deutschlands in der Welt angemessen sein sollte.
8. <https://kenfm.de/standpunkte-%E2%80%A2-die-einsaeulengewaltenteilung/>

+++

Obrigado aos autores pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: / Shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião da equipa editorial.

+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos apoiar com Bitcoins.



BitCoin endereço:18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK